



VIDA ARTISTICA

SEMANARIO DE ARTES E LETRAS

Proprietario—JAYME CORRÊA
 Director—J. PEDROSO AMADO
 Chefe de redacção—EDUARDO FERNANDES
 Editor—ERNESTO ZENOGLIO

ASSIGNATURA

PORTUGAL E ILHAS
 3 mezes Rs. \$300
 6 » » \$600
 12 » » \$1200

ESTRANGEIRO
 3 mezes Rs. \$900
 6 » » \$1800
 12 » » \$3600

PREÇO AVULSO
30 RÉIS

— I + I —
 Toda a correspondência deve ser dirigida
 para a RUA DO MUNDO, 81, 2.ª

LISBOA

Composição e impressão
 Offic. da Ilustração Portuguesa
 RUA DO SÉCULO, 43

À constancia se deve toda a gloria.

LUIZ DE CAMÕES.



MONNA LISA — GIOCONDA

(Celebre quadro de Leonardo de Vinci, desaparecido do museu do Louvre, em Paris)

OFF. ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

A "Gioconda" desespero dos pintores

Ao contemplarmos o quadro de Leonardo de Vinci, agora tão universalmente fallado, parece-nos um quadro banal, um quadro cuja concepção e factura não apresenta grandeza alguma que nos excite a admiração.

Puro engano. A Gioconda é uma obra prima de entre os 8 ou 10 quadros que Leonardo de Vinci legou á posteridade e que são outros tantos testemunhos irrefutaveis do talento d'este artista.

A Gioconda, como disse um auctor, «tem sido em todos os tempos o desespero dos pintores.»

Mulher sem grande belleza de rosto, no entanto com um certo ar de graça e sobretudo com uns olhos cuja expressão é verdadeiramente um enigma.

Fixos no observador, não se sabe que sentimento os anima de occasião; se um sentimento de bondade, se de satisfação, se de malícia, se de desdem.

Aquelle sorriso tão bem pintado nos labios ainda mais indecifráveis os torna. E, no entanto, quanto trabalho e quanto saber para colorir um rosto ao ponto de dar-lhe a expressão multiplice que a Gioconda apresenta!

Só os profissionaes pódem calcular o valor artistico de Leonardo de Vinci, valor que se manifestou em outros quadros, por igual notaveis, como a Virgem nos Rochedos, Sant'Anna e a Virgem, a Bella Ferrière, etc., e que o Museu do Louvre guarda como thesouros preciosos legados pelo seculo XV.

Aos profanos em materia de arte passam quasi sempre despercebidos os traços que caracterisam os quadros e os esforços de imaginação e de saber que são necessarios para manejar um pincel ao ponto de reproduzir na tela a alma humana nos seus diversos estadios, ou então deixar o publico absorto na contemplação de uma obra modelar, interrogando-a a todo o momento sem jámais lhe descobrir a significação.

E é justamente este merito que a Gioconda evidencia.

De resto, todas as linhas que compõem o tronco da Gioconda, são do mesmo modo magistralmente traçadas.

Nas dobras do manto que a cobre, deixando apenas a descoberto uma parte do peito, ha a maior naturalidade, o maior rigor e a maior belleza.

Para attestar o grande saber de Leonardo de Vinci, é de facto esta obra uma das que mais contribuem.

Pena é serem ellas poucas, pois o grande pintor florentino distrahia as suas occupações tambem pela esculptura e pela architectura como Miguel Angelo e outros vultos notaveis na historia das bellas artes, em que a Renascença foi fonte preciosa de estudo e de admiração.

Leonardo de Vinci foi, de facto, com Raphael e Miguel Angelo, o marco millenario de onde partiu uma série de artistas e de escolas que deram grande lustre e renome á época e deslumbraram pelo poder do genio as gerações successivas.

*

Depois das manifestações da arte pagã grega e romana, depois das invasões dos barbaros que infestaram toda a Europa, sepultada a civilisação antiga, surgiu outra mais bella, mais radiante em que a par do fanatismo religioso que tão nocivo foi á liberdade dos povos, as artes tiveram o seu estimulo no christianismo.

Não foram, pois, de todo inuteis esses tempos para o progresso social.

A archeologia archivou das artes antigas

trabalhos admiraveis que a Renascença substituiu por gigantescas cathedraes, por magnificos templos e palacios, por soberbas estatuas, por maravilhosas telas, monumentos immensos e eternos.

Por entre o absolutismo dos reis e dos nobres senhores feudaes, ainda surgia o sentimento do Bello, ainda vivia o ideal da Perfeição.

A Grecia tivera o culto da natureza no seu mais subido grau de perfectibilidade.

Roma transformara-o na verdade nua e crua dos homens e das coisas.

Os povos christãos por fim resuscitaram as idéas subjectivas, a abstracção pura, as concepções metaphysicas, para ascenderem, como nas primitivas épocas, aos mundos desconhecidos, aos seres sobrenaturaes, aos heroes da revelação e da graça.

Desprezaram a belleza do corpo para só exprimirem os sentimentos da alma christã.

Mas veiu a Renascença, e as artes passaram a ser dirigidas pelos seculares e não pelos frades, como até ali.

S. Bruno e outros doutores da egreja que condemnavam as innovações artisticas, desapareceram no pó do nada.—Pulvis et umbra sumus.—As suas vozes sumiram-se no olvido, e a Imprensa raiou arrogante, impetuosa a auxiliar poderosamente a actividade social.

Foi então que floresceu o estylo ogival ou gothico. Foi então que Francisco I, Carlos V, os Medicis, Julio II, Leão X e o nosso D. Manuel I deram grande impulso ás artes, patrocinando-as com zelo e carinho.

Foi então que a Renascença nivelou os campos, distribuiu o labor do espirito pelas realidades terrenas, pelo palpavel, pelo positivo, de mistura com o ignoto, a idealisação, a crença.

Tratou das bellezas da terra a par das excellencias do céu, perpetuou os genios humanos como propagandeou as personagens celestias, collocou ao lado dos theologos e philosophos os homens mais celebres nas bellas letras e nas artes, ao lado das possias épicas e lyricas dos trovadores e troveiros os frescos mais esplendidos de Leonardo de Vinci, de Miguel Angelo e de Raphael.

E foi na Italia, na republica de Florença, que teve inicio esse resurgimento.

As ruinas romanas e as egrejas gregas foram os modelos dos architectos italianos.

A's cupulas caracteristicas de Bysancio juntaram-se as arcadas e as columnas do estylo de Roma.

Brunelleschi construiu a Campanilla, mixto da arte bysantina e da arte gothica.

Bramante conseguiu com a basilica de S. Pedro de Roma fazer uma recordação feliz da esthetica greco-romana.

Na esculptura o colossal Moysés, de Miguel Angelo, pódde egualar-se ao Jupiter, de Phidias, no poder e na gravidade.

Luca della Robbia e outros fizeram um conjuncto primoroso com o grande mestre.

Finalmente, na pintura italiana, que nada mais era do que um pretexto para representar o corpo humano com a variedade das attitudes, a abundancia dos detalhes, o claro escuro dos relevos, a riqueza do colorido, a gradação dos tons e, sobretudo, com o rigor anatomico em que os gregos foram peritos, sobresahiram em primeiro logar Fra Giovanni, il Angelico, com a sua Coroação da Virgem e com os numerosos anjos cheios de unção religiosa e de terra beatitude; o discipulo de Perugino, Raphael, fundador da escola romana, conhecido pela grande porção de Madonas, todas de altissimo valor, pela Transfiguração que existe no Vaticano, pela Virgem na adeira e por outras telas soberbas de trabalho e de arte que Appelles e Zenxis não teriam duvida em subscrever e que fizeram uma reputação mundial; o inimital Miguel

Angelo, architecto da cupula de S. Pedro de Roma, esculptor da Pietá, obra prima pungente de sentimento e de dor, pintor do Juizo Final e outros quadros que ornaram a capella Sixtina, onde esteve internado nove annos consecutivos a trabalhar; e, finalmente, o discipulo do pintor, esculptor, gravador, ourives e musico Verocchio, o grande Leonardo de Vinci. motivo das pequenas notas que sobre a arte latina no fim dos tempos medievaes, vulgarisamos no presente artigo.

E dizemos arte latina para, como fazia Taine, distinguirmos esta da escola flamenga ou do norte, creada por Van Eyck e com grande successo continuada por Ham Memling, Miguel Coxcie, Holbein, Rubens, Van Dick, Rembrandt, como a latina proseguiu com grande exito tambem nas obras de Tintoretto, que encheu Veneza de quadros, Corregio, chefe da escola lombarda, Ticiano e Paulo de Verona, glorias de Veneza, Consin, Poussin, Lesneur, mestres da arte franceza, Velasquez e Murillo, orgulho da Hespanha nos tempos modernos. todas estas figuras, emfim, proeminentes na historia da arte que deixaram lições proveitosissimas, obras admiraveis em todos os tempos, signal evidente de que encerram os elementos da Belleza e de que, portanto, satisfazem a uma das mais sublimes aspirações do espirito humano.

Todos estes homens de extranha psychologia, dotados da chamma sagrada do genio que irradiava bella e seductora.

Almas muitas vezes acicatadas, é certo, pela miseria e pelo soffrimento, mas sempre com aquelle amor da profissão que é grande, que é nobre, que é capaz de grandes feitos.

Homens de faculdades prodigiosas que tão bem souberam exprimir os sentimentos, os movimentos da alma, e que assim contribuíram immensamente para melhorar o senso moral dos povos que é, afinal, o objectivo superior de toda a Arte.

A. COSTA.



A "Suissa heroica", um magnifico estudo de G. de Reynold, o "Canto de Guerra"

IV

As côres e os ornamentos tinham um sentido symbolico, appareciam animaes mais ou menos fabulosos, o urso negro com a lingua escarlata, de Berne, a cabeça de touro de Uri, o leão de Austria, a gralha do Tyral.

D'aqui o processo muito simples e muito poderoso, consistindo a personificar o inimigo sob as linhas do monstro heraldico com o seu escudo ou estandarte. Uri, a Suissa em geral, é o touro, a Austria é o leão. Eis o canto de Sempach.

«De Lucerna e de Uri, de Schwyz e de Unterwald, um grande numero de homens valorosos em Sempach, deante da floresta, encontaram, o leão d'Austria. E exclamaram, cheios de alegria: «Senhor leão, que res combater aqui? Nós não podemos recusar-te.»

Então o leão disse ao touro: «Justamente esse direito me pertence; tenho n'aquella clareira, bons cavalleiros e creados tambem. Massacraste uma quantidade de homens em Morgarten; vou-me vingar.

O leão começou a rugir e a levantar a cauda; então o touro disse: se queres alguma coisa vem para o prado verde, que se tornará humido do teu sangue.

Um e outro avançaram e atacaram-se com alegria, mas em breve o leão resolveu fugir, e foi para a montanha. «Para onde

vaes, rico leão? Não mereces nada que recebas honras.»

Um ultimo caracter é o *poder investivo*, levado até ao insulto e á crueldade. Já no seu *lied* de Morat, Veit-Weber deixa brilhar a sua alegria:—*Min Herz ist aller Frowden vall, Darumb ichi aber singen salls*—cantando-nos de qual modo os Suissos mataram os Durquinhões; esses entraram até aos joelhos nas aguas do lago e atiraram-lhes como patos; outros foram seguidos em botes e batidos com os remos, até que as ondas ficaram vermelhas de sangue, outros subiram ás arvores e foram mortos com bestas como fossem gralhas.

Mas Veit-Weber não revella pelo vencido esse odio violento e quasi impio que o de Zurich deixa mostrar pelo Schwyz; não dirá, por exemplo:

«Agora, que Deus tenha piedade pelas almas dos nossos, mas que ninguém reze pelos Schwyzoos, que Deus, queira envia-los ao inferno!»

Isto é o odio das guerras civis! O canto de Calven (1499) revella de que modo vivo e pittoresco a personificação heraldica se combina com o poder investivo. Nós estamos em plena guerra da Suabia.

Esse *Kriegslied*, que alguns eruditos conhecem, é, pois, uma forma de arte nacional e primitiva de que elles tem o direito de se orgulharem; é o primeiro grito de um povo que nasce, é o começo de uma longa tradição. Esta tradição continúa até hoje, pintores e artistas de Berne, Bale e Friburgo, Geiler, Manuel Deutch, theatro da Reforma, chronicistas, humanistas, Conrad Gessner, Ischudi, Simler, Thomaz Platter; a eloquencia de um reformador como Zwingli; no seculo XVII es'a época é pobre, Grab e os seus epigrammas; seculo XVIII, o Badmer, o Haller das satyras, o Gessner das aguas fortes, o Salis dos *lieds*; no seculo XIX as caricaturas de um Distelli, os romances de um Goethelf, de um Keller e de um Meyer. As musicas suggestivas de um Dalcresse e outros,

Um paiz que possui uma alma assim tão artistica, não será uma nação heroica?

Eis as palavras com que termina Reynold o seu trabalho.

ALFREDO PINTO (Sacavem).

Theatro da Trindade

«Ventas de patrulha»

Revista em 3 actos, original dos srs. Lander et, musica de Luiz Filgueiras e D. Luiz Quesada.

Pobre theatro da Trindade!

Ainda ha pouco tempo nos tivemos que referir a uma peça sem pés nem cabeça, ali representada, e já hoje temos que alludir a outra, que, além de lhe faltarem os pés e a cabeça, falta-lhe o resto—não é nada—ou antes, é uma borracheira, mas uma borracheira, que da sua apresentação no palco da Trindade, resultou um crime com todas as aggravantes.

Já não fallamos dos auctores, que nem coragem tiveram de subscrever tal revista,—vá lá, chamemos-lhe assim,—porque esses, se tiverem sentimentos, devem já considerar-se moralmente bem castigados com as manifestações do publico, que na noite da primeira representação da sua obra enchia o theatro da Trindade; revoltamo-nos, mas energeticamente, contra quem acceitou tal porcaria, e, se este facto nos revolta, é porque amamos com verdadeiro amor o theatro e custa-nos vê-lo decair tão desastrosamente, demais a mais com a cumplicidade de quem, com maior dever do que nós, o devia livrar do precipicio em que, sem esperanças do contrario, o vemos cair tão vertiginosamente.

Bem basta essa cohorte de «actores e actrices» de contrabando que infestam esses theatrecos sem qualificação, onde se exhibe descaradamente e nas bochechas da auctoridade, toda a casta de indecencias, quanto mais o termos ainda que aturar auctores de igual jaez, n'um theatro que devia manter as suas tradições.

Ventas de patrulha não é uma peça immoral; mas não é coisa que se apresente a um publico que paga carissimo o seu logar para assistir á um espectáculo que compense o dinheiro que gasta. Agora temos o desempenho, que áparte uma meia duzia de artistas de mais ou menos valor, foi entregue, especialmente a parte masculina, a *artistas* que seria melhor procurarem outro officio.

N'este numero contamos Botelho do Amaral, que só elle basta para indispor o publico; a sua presença durante todo o decorrer da peça irrita-nos, mas a culpa não é d'elle.

Valeu em tudo isto, para que o theatro não fosse abaixo com as manifestações do publico lesado, a intelligente e galante actriz Zulmira Ramos, que tirou o maior partido possivel dos seus papeis, apresentando-se lindamente vestida.

Gomes, fez o possivel por fazer graça, conseguindo-o, ás vezes, mas com piadas d'elle.

Eduardo Fernandes, confirmou mais uma vez os seus creditos de artista consciencioso; apresentou esplendidas caracterisações, desempenhando os seus papeis de forma a ser applaudido.

Maria Granada e Emilio Gomes, dançaram bem o *Cake-walk*, que tiveram que bisar.

Amelia Barros, só pode mostrar boa vontade de fazer alguma coisa dos seus papeis. Raphaela Fons engraçada, mas sem occasião de fazer coisa de geito, Flora Dyson, cantou uns *couplets* com muita graça e com a vida que sempre imprime nos seus trabalhos, de resto, boa vontade não faltou a todos, que com mais ou menos arte tentaram fazer alguma coisa da peça, que é o que se chama um limão sem summo.

A musica de Luiz Filgueiras e Quezada agradou em parte, bem como scenario e guarda roupa, bem mal empregado em tão ruim obra.

J. PEDROSO AMADO.

Quando eu morrer...

Quando a morte de mim se amercear,
Levando-me ás paragens mysteriosas,
Onde as almas se acolhem, venturosas,
Após inglorio e rude baluarte,

Da terra onde eu fazer não de brotar
Variadas flores enormes e formosas;
Vermelhos cravos, purpuras rosas,
Saudades, goivos, lirios d'encantar,

—Ide colher braçados d'essas flores...
Distribui-as pelos meus amores.
Seres a quem de piedade Deus dotou!

Dáe-as aos bons, aos tristes desgraçados,
Como fragmentos vivos, perfumados,
D'um peito que por elles palpitou!...

JAYME CUNHA.

Caldas da Rainha

A' hora em que a nossa revista estava para entrar na machina, trouxe-nos o correio uma photographia da Tuna dos Caixeiros, d'esta localidade. E', pois, devido a tal circumstancia que a não fazemos inserir no presente numero. Sel-o-ha, porém, no immediato.

Explicação

Escreve-nos o sr. F. Balsemão, interrogando-nos sobre o silencio fei o acerca da vacada promovida ha dias nas Caldas da Rainha, pelo distincto professor de equitação sr. Gagliardi.

Devemos dizer que o lamentavel facto se deve a falta involuntaria por parte do nosso redactor actualmente nas Caldas da Rainha, do que apresentamos aos interessados as nossas e as suas desculpas.

O fim d'uma burla ou o sello nos bilhetes de theatro

Antes de iniciarmos a larga serie de artigos que nos reclama o transcendente assumpto, — Reclamação promovida pela Associação do Registo Civil contra o novo imposto do sello nos theatros onde funcionem companhias estrangeiras, — somos forçados a declarar que nas columnas da *Vida Artistica*, não se doutrina politica, por isso, se do assumpto aqui nos occupamos, é porque d'elle depende o futuro dos artistas portugueses, e, implicitamente, o levantamento da arte, desgraçadamente tão decadente em Portugal.

Logo que em varios jornaes appareceram noticias de chapa, que pela prosa nos fizeram conhecer o dedo do gigante, nós podiamos ter-nos occupado do assumpto; porém, quizemos aguardar o dia e hora da reunião para bem aquilatar-mos do valor do poema a entregar ao illustre ministro das finanças e da envergadura intellectual dos não menos illustres oradores que, na sala nobre da antiga benemerita Associação do Registo Civil, a convite do seu presidente da direcção, ali ia n em empolgantes rajadas de oratoria, advogar os interesses do **historico republicano** o commendador Antonio dos Santos, vulgô Santos Junior, que ainda ha poucos annos vimos e subeimos apedrejado por certa imprensa d'esta Lisboa á beira-mar plantada.

Tal como previramos, ninguém de valor moral e intellectual ali compareceu, simplesmente creaturas de nimia cultura, habituadas a dar largas á verborreia, por desgraça do nosso povo todo sentimental, todo benevolencia.

Se isoladamente os fossemos interrogar, nem elles saberiam dizer-nos o recado que o empregado do **benemerito e bem reconhecido republicano historico** Santos Junior, vulgô Antonio Santos, lhes tinha ensinado! Inacreditavel, mas simplesmente verdadeiro.

A burla, onde toma o auge do descaramento e da audacia, é que a Associação do Registo Civil, pela voz do seu presidente, tome a iniciativa de a levar a cabo em detrimento do Estado e em favor do benemerito Antonio dos Santos dos cavallinhos, vulgô Santos Junior.

Que tem a Associação do Registo Civil com o lançamento de contribuições?

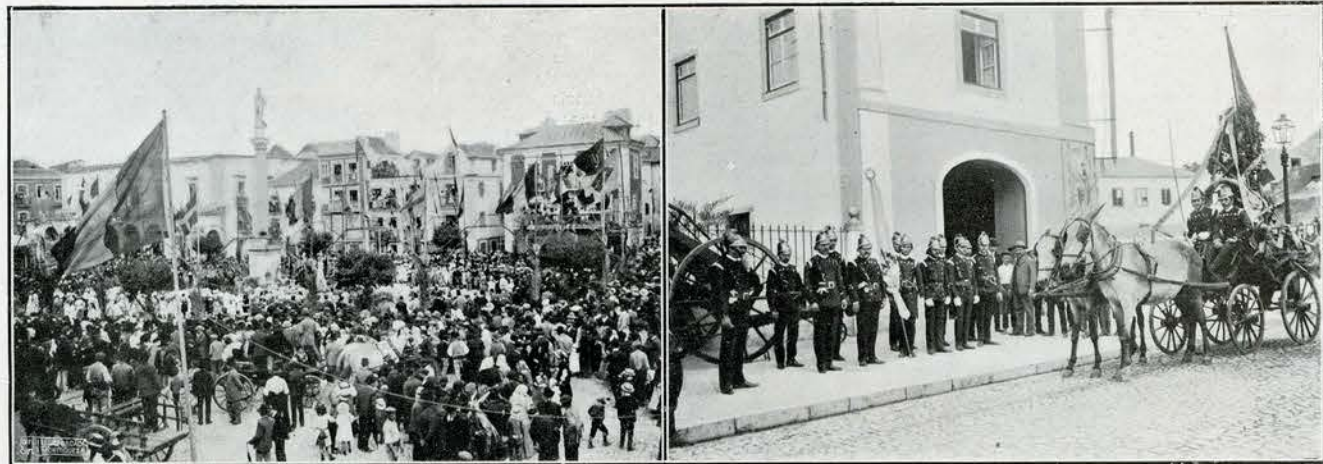
Qual o artigo dos seus estatutos que tal permite ao soba presidente, tratar dos interesses do commendador do Colyseu?

Para se aquilatar do valor das creaturas que compareceram a servir os designios d'aquelle *reporter*, que o acaso gindou a presidente do Registo Civil, bastará dizer ao publico ingenuo, ao publico que tudo tolera e admite, que o advogado do commendador, para melhor burlar o publico e desrespeitar os fins a que se destina a Associação do Registo Civil, classificou de imposto lançado ao publico, o pagamento do sello duplo a companhias estrangeiras.

Que sinceros estes **patriotas e amigos** (sic) do povo que trabalha, do povo que paga!

E a pobre, a eterna victima d'esta comedia, sem perceber os fins que visa o cidadão presidente da Associação do Registo Civil, rasga a brilhante folha de serviços que a Associação tem prestado ao paiz, e pede a derrogação do decreto de José Relvas. Em todos os paizes do mundo ulto ha uma lei protectora para a arte nacional, para os seus artistas e classes congeneres; só em Portugal, paiz por excellencia unico, é que se fabricam leis ás ordens de influentes endinheirados, para encher a burra a pseudos benemeritos!

Como o assumpto é muito complexo, e algo escuro, o espaço não nos permite hoje



Aspecto da Praça do Inuenge durante as festas no 4.º dia

AS FESTAS EM SETUBAL

Os bombeiros e o seu carro ornamental

que nos alonguemos em mais considerações mas, descansem os nescios patriotas que não perdem pela demora, e até lá, diremos como disse já o velho comico latino Plauto: *Sat habet facilitum semper qui recte facit.*

Para felicidade de Plauto, decerto que na sua época não conheceu Cachos nem Flavios!

ARIEJNARAL.

Mulheres de Letras

(Continuado do numero anterior)

Se estas creaturas fossem casos esporádicos, unicos sem duvida fariam o gaudio de muito boa gente; mas como se pode suppôr que a doença fosse debellada? Madame de Girardin contém o 'microbio surgindo de parte incerta, contaminando o sexo fragil. Pois se é tão bom! ..

Residindo em tão adoravel habitação o microbio falsificou, anemiou para sempre todas aquellas que porventura quizessem seguir o trilho aberto no seculo XVIII por madame Leprince de Beaumont. Quem não terá lido *L'oiseau bleu*, *La biche au Bois*? É esta creatura com os seus contos para meninos é mil vezes maior, mais interessante que muitas psicologas de nome; tão bem se percebeu isso que o genero foi tentado pela condessa Martel, pela Randou, por tantas outras. Mas quê? pécca por ingenua essa litteratura e somente factível depois dos cincoenta annos; realmente contar historias é officio de avósinha e ninguem quer ser avó. Mesmo hoje as que o tentam são um pouco de contrabando. Ha a mania, a loucura descriptiva, o *eu* invadiu tudo, a necessidade imperiosa de fazer intervir litteratices até nas obras para a infancia. Certo conto de fadas francez e moderno, *La riancée du buffon* falla de Soerates, de phigenia na Taurida e do sr. Emilio Zola a proposito de um feiticeiro que tem de ir d'ali á mil leguas, ao bosque verde a salvar a princeza Encantadora. Isto é para creanças — e é uma mulher que escreve! Nem pois na sua esphera d'acção, no unico campo em que poderia tornar-se verdadeiramente util, a mulher soube aproveitar o seu temperamento inicial destinando-o a um fim educador. Ninguem melhor que uma mulher poderá ensinar o seu filho a ser artista e comtudo, não ha uma mulher que seja artista de raça. Quem sabe orientar, é rarissimo que saiba escrever. E a inversa tambem se dá ás vezes, — especialmente na nossa terra.

E agora, n'esta altura encontra-se o monstro, o colosso, o nome de que toda a

gente se serve para rebater victoriosamente estas theorias de mau gosto. Se disserdes a quinta parte d'estas coisas cahir-vos-ha em cima, sobraçando um monte de livros, um pacote de saias onde reconhecereis — atordoados — a nossa conhecida George Sand, a nossa conhecidissima George Sand; e ficareis esmagados porque de longe todos vos dirão que para essa não ha argumentos.

Não ha argumentos . . . George Sand fez de tudo, é encyclopedica como os jornalistas do nosso paiz, — que tambem sabem de tudo. Fez o romance sentimental, fez o romance social, fez o romance campestre. Consta-ta-se.

No romance sentimental — romance que é uma reacção violenta contra um estado de coisas anterior que vulgarmente se chama classissimo — raro se chega ao fim (mais depressa nos obrigariam a lêr os prosadores das ilhas Cook e em malaio . . .) O seu sentimento é muito semelhante áquelle que costuma apparecer-nos nos terceiros actos de revista e que o publico applaude com phrenezi: banal, commum e ridiculo; não o vae pedir emprestado a Alfredo de Musset; é o d'ella. Folheando a *Valentina* — um prototypo — vemos com espanto que, essa incommensuravel *Valentina* é prima direita da *Marianna*, de Marivaux, de Marivaux grecioso mas absolutamente desprovido de sentimentalidade. E aquella incrível figura que a auctora quer impingir como sonhadora e fragil sensitiva, toda sentimento, toda bondade, lembra, por vezes, uma robusta senhora da praça da Figueira, de mão na anca, descompondo passeantes recolhidos emquanto vigia com solicitude o ceirão das batatas. . . *Valentina* vende hortaliças no mercado mas em caso urgente pode substituir *Elvira* ou *Graziella* com decidida vantagem. E tão verdadeira, tão fiel que se pode applicar indistinctamente. Ora . . . ora . . .

No romance social, George Sand quer a emancipação do proletariado, barões abraçados aos pedreiros, mestres d'obra eruditos que estudam nas bibliothecas, acabam por casar com as herdeiras das velhas familias feudaes e são tu cá, tu lá com os duques *vielle roche*. . . Quer a exaltação suprema do operario — o operario bonito, de unhas limpas, blusa nova e olhos sonhadores, — (que outros, nem sequer suppõe existam) fabrica-o especialmente, endu-sa-o, dá-lhe todas as virtudes, fal-o o justo, o archanjo vingador de todas as impiedades, como na *Consuelo*. E ele, operario, desce a este mundo sub-lunar, a um simples aceno de George Sand e põe-se ás suas ordens para purgar os grupos sociaes, para extripar a malvadez, — e para lhe dar trezentas paginas bem prolixas e bem pe-



CLUB NAVAL DE LISBOA—Passeio á Trafaria: O embarque dos socios e suas familias

dantes. Quando o trabalhador já a vae enfastiando surge uma etherea *demoiselle de Saint Geneix* como no *marquez de Villemor* ou uma engeitada sem preconceitos (que ella depois lhe dá por alturas da pagina 100) como na *Foale de ter* — e o systema continúa. Grande projecto e grande plano; bem comprehendeu esta subtil mulher com a sua fina intelligencia que esse era o romance do futuro. Só rente a obra começou desde o alicerce, não era George Sand que poderia abrir os caboucos com uma enxada minuscula de cabo poetico e folha sentimental, temendo rasgar a terra para lhe atirar a semente. E George Sand, no seu louvavel sonho, fraccassou, deu a enxada a Zola — que a deitou fóra. Uma enxada de creança quando era precisa uma rija pica-reta!

MARIO D'ALMEIDA.

(Continúa)

«O Berro»

Deu-nos o prazer da sua visita este bi-semanario humoristico que ha dias viu a luz da publicidade. Agradecemos e desejamos mil prosperidades e longa vida.

Saibam quantos . . .

(Conclusão)

A alguns moveis artisticos faltavam-lhes ferragens, precisavam ser refrescados e envernizados, jarras da India, sobre columnas, voltavam para a parede os buracos e as raxas dos desastres; casas de pombos, livres pela casa, tinham feito ninho sob um bufete, borrando tudo; e até, n'uma estante lindissima, os proprios livros amigos, confidentes de dôres e desalentos, até esses tinham um ar d'exilados, e o geito de nos dizer que o seu tempo passára, e lhes doia a velhice e as suas immensas saudades de Madrid . . .

De pé na sala, a illustre senhora mostrava pela janella aberta aquella enseada morta de tres leguas, que o lisboeta chama *mar da pilha*. A outra margem silhuetava no azul da paysagem terna e esfumadiça.

—Diga-me se isto não é a rada d'uma cidade de dois ou tres milhões de habitantes, chave do commercio atlantico e capital sobreana da Iberia una e congradada.

Eu por mim não queria saber de tal Iberia una, reconhecendo entretanto que o erro de Filippe II impedira talvez a realisação d'um bello sonho de nacionalidade formidavel, comquanto na hora presente, com dois paizes egualmente preguiçosos e incapazes, loucura fosse ajuntar miserias que já dolorosas eram, separadas.

A enseada do Tejo é que verdadeiramente prendia os meus olhos, vasta, amorosa, em azul fallido, listrada de correntes, e em placas espelhadas d'agua morta. Al-gum vaporeto passava para Aldegallega ou Barreiro, fumando distraidamente o seu charuto; alguma falúa ou barca de pesca desfraldava a véla de guião, quadrada, vermelha, com a latina á pópa, e aquelle gesto airoso, ideal, gaivotal, de fender a agua, patinando. Aquillo lembrava em Venezia as travessias para o Lido, sob os esverdeados céus do Adriatico, por uma tarde assim primaveral.

Entanto por uma escadaria de balaustada, tinhamos descido ao jardim, do seculo XVII, todo em meandros e porticos de luxo, que de resto ha muitos annos ninguem tosquiaava, e canteiros a dentro mantinha uma desordem d'arbustos sem trato, e hervas bravas crescendo á doida, como nos pouzios da devêza, ao Deus dará.

—E de leitura hespanhola, como vamos?

Aventurei varios nomes de modernos: Pio Baroja, Benavente, Rusiñol, Filippe Trigo, Antonio Palomero, Anton del Olmet, Lopez Barbadillo, Ciges Aparicio, Isac Muñoz, que ella pareceu escutar sem conhecer.

—E Juan Valera? interrogou.

—Conheço.

—Lopez d'Ayala?

—Sim.

—Campoamor, Nuñez d'Arce, Menendez Pelayo . . .

—Um pouco, um pouco.

—Pereda, Galdós, La Pardo. . .

—Sim, sim, t:do isso li.

—*Hombre*, exclamou ella com uma acentada ponta ironica. *Es usted un portuguez muy sabionado.*

—Que quer! A lingua hespanhola tem para mim um prestigio e uma musica que me não canço d'ouvir e de gostar. É uma lingua de guerreiros e d'oradores, para hymnos e para supplicas, compativel com a expressão de todos os estados emotivos. Ella, sorrindo, repetia o prologo:

—Falla francez ao teu cozinheiro, inglez ao teu cavallo, allemão ao teu cão e hespanhol á mulher que mais te agrade. . .

Tinhamos vindo ao cabo do jardim, e por uma porta de ferro chegámos a um grande trecho murado de floresta ou bosque, onde a vegetação deixada ao esbracejar liberrimo de vint'annos apagara o torciccolo das

ruas, emaranhando para todos os lados, labiryntho de folhas e de ramas.

Aquillo lembrava o *Paradou* da «Faute» de Zola, com a noite glauca dos macissos, as lucarnas das cópas deixando feixes de luz zebrarem d'esmeraldas liquidas os fundos. Uma alluviação de melros silvava, uma guarda de honra de passaros respondia.

Era recolhido, intimo, profundo, e ouviasse, não sei onde, um tenue telingar d'agua corrente. E eu lhe disse erguendo a vista áquella intensa população d'azas e folhas:

—Aqui se vive em plena natureza.

E ella tornou:

—Não. Aqui se morre em plena solidade.

FIALHO D'ALMEIDA.

Fim.

Gonzaga Gomes

Este nosso amigo e actual correspondente da nossa revista nas Caldas da Rainha, só começa a enviar correspondencias, depois do regresso d'esta villa d'um dos nossos redactores.



Em resposta ás «Notas de Sport» do nosso collega da imprensa diaria «A Capital», insertas no seu numero de 13 de setembro de 1911

Nem já pensava no artigo biographico do sr. Antonio Pereira, aqui publicado, quando chamaram a minha attenção para o que o critico sportivo da *Capital* tinha escripto em contradição ao que ali se tinha exposto, e me parece ter molestado *attas* individualidades do nosso meio sportivo, comtudo, esse não foi o meu intuito, ao prestar homenagem a quem me pareceu de justiça e tão sinceramente tracei aquellas mal alinhavadas linhas, que ninguem tem o direito de duvidar da sua sinceridade.

Mas vamos á resposta. *Elogios*, . . . *errados*, é o sub-titulo que o articulista escolheu para as suas asserções, confesso que mal percebo o que significa *elogios* . . . *errados*, sei o que são *desmercidos*, agora *errados* desconheço, demais, todos os exercicios que citei, foram homologados pelo arbitrio official da Liga, e não ha duvida que estão certos, isto tomando por ponto de partida (como toda a gente toma), que o melhor elogio para um athleta é elevar os seus «maximos».

A seguir escreve: No primeiro campeonato onde entrou, ganhou sobre Serpa Pimentel por 1 kilo, conseguindo este avanço no ultimo exercicio (pelo 2 braços em que Pereira fez 101 e Serpa 95.5. Tendo este senhor já feito 102 rra treinos. Ficou campeão de Portugal em vista do sr. Manuel Paulo da Silveira não concorrer n'esse anno, por não ter competido.

Pereira, vencendo Serpa Pimentel por 1 kilo, não fez mais do que demonstrar o seu valor, porque, quando se encontram dois homens de identico merecimento (em tudo e por tudo é assim) o vencedor não justifica o adagio popular de que na terra dos cegos. . .



CLUB NAVAL DE LISBOA—O embarque para o passeio á Trafaria

Isto de fazer em treinos este ou aquelle peso, nada é, porque só os exercicios realisaados perante peritos tem valor declarado, e o articulista bem o deve saber...

Apontar que Pereira foi campeão de Portugal por o sr. Manuel da Silveira não ter concorrido ao campeonato d'esse anno, é desconhecer, em primeiro logar o que são cathogorias, e em segundo, nem pessoa alguma é culpada da falta de concorrentes a qualquer prova sportiva.

No segundo anno ganhou facilmente a sua cathogoria sobre Borges de Castro, o que era de prever, em vista d'este senhor ter apenas 4 mezes de treino e ter começado n'essa occasião, ao passo que Antonio Pereira, quando entrou no 1.º campeonato, já tinha treino de 2 annos de pratica.

Um anno antes, já o sr. Borges de Castro treinaava em companhia do conhecido athleta sr. Ismael Jorge, que se quizer, pôde muito bem corroborar esta affirmação.

Já vê o illustre articulista, que não estava muito bem informado ao escrever os seus *Elogios...* errados.

N'esta altura faz uma tal confusão entre o que em athletica se denomina «treino» e «pratica» de levantar pesos, que se não coaduna muito bem com as *lições* que d'este ramo de sport tem publicado. Depois relata:

No campeonato do anno seguinte, como já havia quem o pudesse vencer, não concorreu, sahindo campeão dos *leves* José Dias, que fez na somma total dos exercicios maior somma de kilos que Pereira, e detto-lhe dois dos seus melhores *records* por terra.

Todo o athleta *double* de luctador sabe muito bem que os effeitos da lucta faz perder muito da *forma*, e assim, Pereira, que um mez antes tinha regressado de Budapesth, onde foi representar o nosso paiz n'um campeonato mundial, não era no curto espaço de 30 dias que podia adquirir a *forma* necessaria para entrar n'um campeonato d'aquella natureza e, se não concorreu, não foi por medo, como se deprehende do que transcrevo, mas sim pela razão acima apontada, e demaís, n'um espirito verdadeiramente sportivo como o de Pereira, nunca pôde entrar o receio de ser vencido, mas sim o desejo de fazer elevar os seus *records*, obrigando os outros a progredir, foi o que succedeu com os *records* batidos pelo sr. José Dias, *que mais tarde os viu equalados*; mas n'uma ordem de idéas dignas de louvor, pelo seu anno ao *sport* continuaram a treinar como bons amigos, na ancía de mostrarem a estranhos que em Portugal tambem havia bons e habéis athletas.

E continuando:

Seguem depois os primeiros jogos olympicos portuguezes, em que Pereira bate Borges de Castro por 6,5 kilos (segunda vez em que se encontraram.)

Nos jogos olympicos, não foi tomado em linha de conta as cathogorias, comtudo é bom saber-se que Pereira é *leve* e o sr. Borges de Castro *medio*.

Por fim escreve:

Nas provas d'este anno Pereira não apparece, tentando, depois, bater uns *records*, para os quaes vinha treinadissimo da sua terra, onde estivera. Os ultimos *records* não foram feitos fora de *forma*, como o collaborador da *Vida Artistica* afirma. E quanto aos que criticavam a maneira de levantar pesos de Antonio Pereira e mais tarde o imitaram, Antonio Pereira nunca ensinou nada a ninguem que podesse vir a ser seu competidor.

Pereira *lentou e bateu* diversos *records*; não vinha *treinadissimo* da sua terra, pois durante um mez que tive o maior prazer de estar em sua companhia, posso affiançar pela minha probidade profissional, que não o vi fazer um unico treino, por consequencia não podia estar em *forma*, como aqui o disse com a maior franqueza e conhecimento de causa.

Não escrevi que Pereira tinha ensinado a alguém qualquer coisa, unicamente disse e posso afirmar que muitos *copiarão* o seu tempo, apesar de o censurarem quando o viam praticar exercicios.

Analysando linha a linha o que o articulista entendeu oppor ás minhas modestas phrases, como acabo de fazer, nada, mesmo nada me parece ter ficado de pé, a não ser um pouco de facciosismo que re alta de tudo quanto a este respeito escreveu a *Capital*.

E ainda, os redactores da *Vida Artistica* não tem por habito tentar fazer reclame ás suas personalidades. Por agora basta.

ANTONIO SANTOS.
(Romelo).

Caldas da Rainha

(Notas d'um banhista)

O r conhecimento da Republica Portuguesa pelas grandes potencias, foi recebida aqui com grande entusiasmo.

A noite organisou-se um luzido cortejo, composto de diversas associações commerciaes, centros republicanos e muito povo, percorrendo as principaes ruas da villa. Abria o cortejo a Banda da Guarda Republicana, executando a *Fortugueza*. Soltaram-se muitos vivas.

Teem chegado estes dias muitas familias, estando as casas alugadas e cheios os hoteis.

D'aqui a dias principiam as grandes festas, havendo comboios a preços reduzidos.

Na Matta haverá feira, festa alentejana, concurso hippico, fogo, etc.

As récitas no theatro Pinheiro Chagas, pela companhia da distincta actriz Angela Pinto, obtiveram um grande successo. As peças *O ladrão, Zizá, Lagartixa, Theodoro & C.ª, Severa e Dôr Suprema*, foram noites de applauso para a grande actriz. Em todas as peças Angela Pinto foi sempre a actriz cheia de talento, trazendo de uma forma admiravel a gamma das emoções. Nos camarotes e platéa,

vimos a melhor sociedade que está aqui veraneando, assim como as principaes familias da terra.

—A festa artistica do sexteto do Salão Central, realisou-se no vasto salão do Sport Casino, com notavel concorrência. O programma, elaborado com um alto criterio esthetico, agradou muito.

Devemos destacar os seguintes numeros: *Cavalleria Rusticana*, pela sr.ª D. Fortunata Levy, que revelou bellos dotes vocaes; D. Bertha Guimarães, uma *diseuse* de primeira ordem; João Queriol, um joven pianista, que em dois trechos foi muito applaudido.

A palestra feita pelo sr. Crystovam Ayres (filho), foi muito engraçada, tendo agradado muito.

—Realisou-se domingo, na praça d'esta villa, uma vaccada em homenagem ao sr. conde de Fontalva. Os cartazes annunciavam como cavalleiros os srs. D. José Manuel da Cunha Menezes, D. Ruy S. Martinho e N. N., e bandarilheiros Eduardo Perestrello, D. Carlos de Mascarenhas, Matheus Falcão, Froes e outros.

ESPECTACULOS

THEATRO DA TRINDADE — 8 1/4 — Ventas de Patrulha. (revista).

COLISEU DOS RECREIOS — 8 3/4 — Companhia italiana de opera comica e operetta.

THEATRO DAS VARIADADES — 8 1/2 e 10 1/2 — Peço a palavra (revista).

THEATRO ROCIO PALACE — 8 1/2 e 10 1/2 — Espectaculo variado.

THEATRO PHANTASTICO — 8 1/4 e 10 1/4 — O Philtro do diabo.

THEATRO INFANTIL DO ROCIO — 8 e 10 — Novos artistas e novos quadros de sensação.

CHALET JULIA MENDES, (feira de agosto) — 8 1/2 e 10 1/2 — Saude e Bichas (revista).

CHALET AVENIDA, (feira de agosto) — 8 1/2 e 10 1/2 — A sombra do Herodes (revista).

CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

SALÃO CENTRAL (Palácio Foz) — Avenida da Liberdade.

OLIMPIA — Salão de concertos, etc., rua dos Condes.

SALÃO DA TRINDADE — Rua Nova da Trindade.

GRANDE SALÃO DOS ANJOS — Travessa do Borrhalho.

CHANTECLER CHALET — Feira de agosto.

CHALET REPUBLICA — Feira de Agosto.

CIRCO RUSSO, (feira de agosto) — Animas feroces amestradas.

JARDIM ZOOLOGICO — Exposição permanente de aves e animas feroces.

TELEPHONE 1.436

J. VILANOVA & C.ª

Telegrammas:

LOWSKY Lisboa
Porto

SÉDE: Rua Boa Vista, 160, 162 e 164

LISBOA

FILIAL: Rua do Almada, 113, 1.º

PORTO

OLEOS MINERAES

Especiaes para lubrificação de automoveis

GANHAM AS CORRIDAS DE RAMPA, A SABER:

O Ill.º Sr. Estevão de Oliveira Fernandes em carro Brasier lubrificado com o nosso **Oleo Automobiliol A**, ganha a taça dos Sports illustrados.

O Ill.º Sr. Angel Beauvalet, em carro Berliet lubrificado com o nosso **Oleo Extra-Automobil Cylinder**, é o segundo classificado.

Carnes conservadas pelo frio

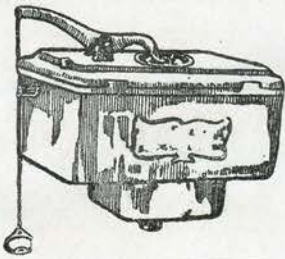
Pelo systema adoptado em Inglaterra

À VENDA no Mercado 24 de Julho, logar n.º 1 — no Largo de S. Domingos
no Largo de Alcantara — no Largo de Santa Barbara

Aos domicilios — Pedidos telephone n.º 1295

GRANDES ARMAZENS FRIGORIFICOS

HENRIQUE PATRONE R. de S. Paulo, 109
LISBOA



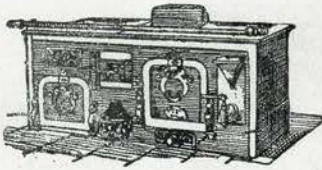
Autoclismos
 INGLEZES
 O melhor systema
 Louças sanitarias
 ESQUENTADORES

Montagem de luz electrica
 Serralheria civil

Fogões de cozinha e sala

TORNEIRO DE METAES

Variado sortimento de candieiros, bicos, chaminés e mangas para incandescencia a gaz, petroleo e gazolina.



CANALISAÇÕES PARA AGUA, GAZ E ACETYLENE

≡ Automoveis ≡
 recommendados

PARA ALUGAR NA PRAÇA

ROCIO

Automovel n.º 875 — chauffeur — Accacio de Paiva
 > 787 — — — João Carujo
 > 987 — — — Antonio Paes

Serviço por taximetro em Lisboa

Serviço de theatro e baile

TELEPHONES — 2702 e 2698

LISBOA

“MERCEDÉS”
 MACHINAS DE ESCREVER

A mais perfeita e resistente

RUA AUGUSTA, 73 — LISBOA

ACCESSORIOS

Reparações em todas as marcas de machinas

Copias à machina — Traducções
 Ensino de Dactylographia

VENDAS DE MACHINAS

TELEPHONE N.º 3066 — Agencia no Porto

OFFICINA DE FUNDIÇÃO
 DE METAES

TORNEIRO E GALVANISMO
 FUNDADA EM 12.6.1901

Manufatura de todas as ferragens (em metal) para automoveis, nikelagem, etalages e varios para montras, ferragens para urnas e moveis antigos, etc., etc.

Canalisações e appparelhos para Gaz e Agua

Installações electricas

Douvar
 pratear, nikelar e bronzear

ANTONIO TELLES

R. SARAIVA DE CARVALHO, 89 A 93

Empresa Nacional
 de Navegação



Sae no dia 7 o

Paquete BEIRA

para Africa Occidental.

Não recebe carga para portos por onde não faça escala.

Para carga, passagens e outros esclarecimentos, trata-se:—NO PORTO: com os agentes H. Burmester & C.ª, rua do Infante D. Henrique — EM LISBOA: Escripatorios da Empresa, 83, rua do Commercio.

F. Street & C.º L.º

ENGENHEIROS

Machinas Rua Poço dos Negros

Telephone: N.º 646

LISBOA

Caldas da Rainha

Grande Hotel Lisbonense

Pelo seu colossal tamanho tem sempre quartos vagos.

Preços desde 1\$200 a 2\$500 reis

Figueira da Foz

Grande Hotel Lisbonense

O mais importante e bem situado, serviço de meza e cozinha de primeira ordem.

Preços desde 1\$200 a 2\$000 reis

LUZ ELECTRICA
J. A. LEITÃO

129, Rua do Salitre, 131, LISBOA — Telephone 2623

Construcções e installações electricas, força motriz, apparelhagem electrica e seus accessorios, motores-dynamos para corrente continua ou alternada, lampadas de incandescencia de todas as qualidades, lampadas de filamento metalico, arcos voltaicos, resistencias, acumuladores e appparelhos de precisão, ventoinhas e appparelhos para aquecimento, telephones, campainhas, para-raios, etc.

REPAPACÃO DE TODO O SYSTEMA DE GERATRIZES OU ELECTRICO-MOTORES
 ORÇAMENTOS GRATIS

Rapida execucao em todos os trabalhos — Modicidade em preços

OFFICINAS E DEPOSITO — Rua do Salitre, 129

Garage

Estephania

107-109, R. José Estevam, 111-113

LISBOA

Automoveis de aluguer da reputada marca FIAT. Taximetros, luxuosos e com chauffeurs fardados

Telephone 2698

Alfredo Eduardo Gonçalves

OFFICINA

— DE —

CARPINTERIA

Encarrega-se de edificações ou reedificações e qualquer especie de trabalhos concernentes à sua arte

7, Rua da Condessa, 9

(AO CARMO) LISBOA

ENCAVERNADOR-DOURADOR

Papelaria, Typographia e Artigos Religiosos

220, Rua Augusta, 222

Telephone 2089

Maulino Ferreira

Succursal das

Officinas

de encadernação movidas a vapor

92, R. N. da Trindade, 92

TELEPHONE 1495

Vinhos e Azeites

JOÃO LUIZ AFFONSO

Travessa da Trindade, 22-24

Vinho Verde de 1.ª qualidade
 Azeite de Castello Branco muito fino
 Vinhos finos e licores

Vestidos de senhoras e crianças

LAVA, LIMPA E TINGE

A
TINTURARIA CAMBOURNAC

10, Largo da Annunciada, 10
 Rua de S. Bento, 175-A

LISBOA Telephone 562

PEREIRA

FABRICANTE DE MOLDURAS E DOURADOS EM TODO O GENERO

Encarrega-se de molduras para bordados, consolos, mobílias, espelhos e dourados em casa, etc.

273, RUA DA ROSA, 275
Proximo á rua D. Pedro V

ANTIGUIDADES

Compram-se por bons preços Louças, crystaes, moveis, joias, bro-zes e tudo antigo que revele arte e belleza.

Rua da Escola Polytechnica, 97
(Defronte das escadas da Escola)

M. CARVALHO

MAFRA

HOTEL MOREIRA

No largo, em frente do convento

Bellas accomodações desde 15000 réis por dia até 15500 réis.
Redução de preços para caixeiros viajantes.

Proprietario — JOAQUIM PEDRO MOREIRA

ABRANTES

Hotel Central

Proprietario — MANUEL MONTES CARREIRO

Situado no centro do commercio. Iluminado a acetilene. Campainhas electricas em todos os quartos.

Magnificas condições d'assolo, conforto e bom tratamento

PRODUCTOS ALIMENTARES

para diabeticos, despepticos e neurasthenicos de Sana. Caixas de phantazia com bolachas e chocolates suissos, sopas instantaneas, chás, caramello, etc.

M. C. NEVES
Rua Nova do Almada, 83

Braga — BOM JESUS

GRANDE HOTEL

Campo de Sant'Anna, 27 a 37

Proprietarios: GOMES & MAGGOS, Successores de Manuel Joaquim Gomes

Hoteis de primeira ord.m.Servico esmerado. Quartos espaços e bem mobilados, de onde se gosam esplendidos panoramas. Banhos completos. Luz electrica. Salões de lanche e de visitas. Pianos e orçao. Telephone no e caixa do correio.

Preços, compreendendo quarto, comida, vinho, serviço e luz, desde 15500 até 25200 réis por dia

EVORA

Hotel Eborense

O melhor da provincia do Alemtejo. Estabelecimento de banhos. Sala de visitas. Bons aposentos para familias.

Proprietario, JOSÉ AUGUSTO ANNES

AO CHAPEU MODERNO

Silva & Ruas



LISBOA

Sortido completo em chapéus e bonets nacionaes e estrangeiros, para homens e creanças, por preços ao abrigo de toda a concorrência

Sempre as ultimas creações da moda

69, R. da Victoria, 71

A NACIONAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sede na sua propriedade: — 14, Avenida da Liberdade, 14 — LISBOA

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

CAPITAL
500:000\$000
RÉIS



Fundada em 17-4-906

RESERVAS
135:753\$650
RÉIS

Seguros de vida e Seguros terrestres e maritimos

Prestam-se todas as informações verbalmente das 10 horas da manhã ás 5 da tarde, na sede da Companhia, ou por escripto na volta do correio.

Director — FERNANDO BREDERODE Sub-Director — JOSÉ A. QUINTELLA

VIDAGO

Hotel Avenida

Edificio construido expressamente junto á Estação do caminho de ferro e Avenida, proximo da nascente Vidago.

Bons quartos, magnifica sala de jantar com mezas para familia, casas de banhos, café, bilhar, e jogos licitos.

Preços de 1200 a 1500 réis
Almoços 500 e jantares 700 réis

Correspondencia ao concessionario

Domingues Pires

GEREZ

Grande Hotel Universal

Propriedade da Companhia Carris

Este hotel, que passou por amplas reformas é o melhor da estancia. Possui um magnifico square e é o unico iluminado a electricidade e mezas para familia.

Servico de primeira ordem — Preços moderados

Trens da Companhia com mudas em Bouro

O Conselho de Administração: — Alfredo da Fonseca Meneres, Antonio Reis Porto, Antonio d'Araujo Costa. — Gerente do Hotel: — Julio Pinto da Rocha.

Cesar A. Paiva

Cirurgião-Dentista do Hospital de S. José e annexos

Premiado na e-posição internacional de Paris de 1909, com menção honrosa a unica concedida pelo jury a expositores portugueses d'esta classe.

Collocam-se dentes desde um até a dentadura completa. Tratamento especial de molestias de bocca.

R. do Arsenal, 100, 1.º

LISBOA

LIVRARIA DO CLERO

UNICA LIVRARIA RELIGIOSA DE LISBOA

Fundada em 1907 por Lima & C.ª antiga empregada da Livraria Catholica que acabou em 1910

9 Rua do Mundo, á Praça de Camões e frente á Igreja do Loreto

Casa de confiança das Familias Catholicas

Typographia, Encadernação e Papelaria

Cathecismo da 1.ª Communhão 20 réis

A Chave do Céu desde 1\$000 réis

Almanach da Immaculada Conceição de Lourdes — Preço 100 réis

Livros em portuguez, francez, inglez, allemão, hespanhol e latim. De instrução Religiosa, Doutrina Catholica, sobre a Sagrada Eucharistia e Primeira Communhão, de Piedade, Espirituaes e Asceticos — Biographies, Vidas de Santos, Educação, Instrução, Sciencias, Historia e Litteratura — Theologia — Liturgia — Philosophia — Moral Religiosa — Historia Ecclesiastica — Sermões — Livros de Missa simples e de luxo, todos approvados pela auctoridade ecclesiastica.

Artigos do culto — Paramentos e Alfaias — Castiças e Tocheiros — Cruzes e ciriaes — Lampadas e Lamparinas — Lustres — Serpentinhas — Custodias — Calices — Galhetas — Sacras — yxides — Ambulas — Caldeirinhas — Lavandas — Lanternas — Caixas e ferros d'Hostias — Campainhas e Carrilhões — Purificadores — Estantes — placas para vellas — Corôas — Jarras.

Imagens e Crucifixos de todas as dimensões — Optimas esculpturas, Pinturas simples e de luxo approvadas pela Sagrada Congregação das Indulgencias de Roma.

Artigos de Piedade — Imagens luminosas. veem-se ás escuras como de dia) — Souvenirs de Lourdes — Terços — Corôas — Rosarios — Estampas para Cathecese, para livro e para quadro — Gravuras — Photographias — Oleographia e Chromos em cartão, opaline, gelatina, pergaminho, setim e bordadas em seda — Medalhas e Crucifixos, em latão, aluminio, nickel, ouro ou prata Benitiers de biscuit e nickel — Escapularios — Argolas de guardanapo com imagens — Bilhetes postaes com Santos — Quadros — Vias Sacras — Presepios — Albums com a Via sacra em photographia, com a Vida de Jesus, em gravura e muitos outros — Placas com imagens, bentinhos, folhas de santos em preto e a cor — Registos de luto e o mais completo sortimento em artigos religiosos de alta novidade. Objectos para brinde. Objectos de 1.ª Communhão.

Flores artificiaes. — Palmitos, grinaldas, corôas, ramos e palmas.
Crucifixos para reliquias. **Terços Crusesos, contas miudas com espaços.**
Crucifixos do Perdão. — Indulgenciados por S. S. Pio X para as pessoas que propagem esta devoção — **Corôa para Via Sacra** para se fazer em casa ganhando-se as mesma indulgencias que na Igreja — **Crucifixo da Paixão.** Crucifixos da Santa Face.

Preços muito resumidos

AS AGUAS D'ENTRE-OS-RIOS CURAM AS BRONCHITES

O Grande Hotel da Torre

é o unico HOTEL que está ligado ás Thermas das

Aguas d'Entre-os-Rios

SERVICO MAGNIFICO

Quartos desde 15200 a 25000 réis

Pedidos de quartos a

Avelino & Camanho

TORRE-ENTRE-OS-RIOS

J. J. RIBEIRO DOS SANTOS

Premiado com menção honrosa na Exposição de 1893

PREVILEGIO EXCLUSIVO da Pomada Dumont para cura do rheumatismo GESSOS E BETUMES

Deposito de drogas: Oleos, Tintas, Vernizes, Pinceis, Sabão, sabonetes e perfumarias.

Qualidades garantidas — Preços sem competencia

Productos chimicos e medicinaes por grosso e meudo

Unico deposito geral em Portugal

da Agua Circassiana para restaurar o cabelo — Oleo da Persia — Vigor Tonico do Oriente — Oleo do Egypto para o cabelo e da Favorita Universal e Leite Divino para a cutis.

22, Rua do Amparo, 22

16, Rua do Arco Marquez de Alegrete, 16

LISBOA